



DIÁRIO OFICIAL

EM PARCERIA COM A SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA

www.dio.es.gov.br

Caderno

Ano II - nº 9
Vitória-ES
Abril de 2012
Bimestral



REVISTA DE CULTURA DO DIÁRIO OFICIAL DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO



Bebendo na fonte

Artigo do professor Mário Petrocchi, especial para o Caderno D, ensina que o turismo é a grande oportunidade de se adquirir novos conhecimentos, buscando nas relações inter-humanas enriquecimento cultural.

Págs. 4 e 5

Nesta edição:

Marcos Valério Guimarães - Mario Petrocchi - Duílio Kuster - Ivana Esteves - Muriel Falcão - Mônica Vermes - Érika de Figueiredo

USE E ABUSE

Um passeio inesquecível

O Trem das Montanhas Capixabas vem garantindo, desde 2009, momentos de raro prazer aos turistas que demandam ao Espírito Santo e às famílias capixabas. Partindo da estação de Viana (Grande Vitória) ele faz um percurso de 46 quilômetros até Marechal Floriano, passando por Domingos Martins e sempre nos fins de semana e feriados. O empreendimento é fruto de uma parceria público-privada entre o Governo do Estado, as prefeituras dos municípios envolvidos no projeto, a Ferrovia Centro-Atlântica e a Serra Verde Express.

O passeio oferece, além das belas paisagens, um mergulho na história e na cultura das belas cidades da nossa região de montanhas, além da oportunidade de praticar ecoturismo e esportes radicais. Não perca este trem!

Maiores informações:

www.serraverdeexpress.com.br



GOVERNO DO ESTADO

JOSÉ RENATO CASAGRANDE
Governador

GIVALDO VIEIRA DA SILVA
Vice-Governador

JOSÉ EDUARDO PEREIRA
Secretário de Gestão e Recursos Humanos

Conselho Editorial:

Erlon José Paschoal/Erly Vieira Jr./Marcos Alencar/Reinaldo Santos Neves/Sérgio Blank

DIO

ADEMIR RODRIGUES
Diretor Presidente

MIRIAN SCARDUA
Diretor Administrativo-Financeiro

MARCOS JOSÉ DE AGUIAR ALENCAR
Diretor de Produção e Comercialização

SECULT

JOSÉ PAULO VIÇOSI
Secretário de Estado da Cultura

ERLON JOSÉ PASCHOAL
Subsecretário de Estado da Cultura

JOELMA CONSUELO FONSECA E SILVA
Subsecretária de Patrimônio Cultural

MAURÍCIO SILVA
Gerente de Ação Cultural

Direção Geral

Marcos Alencar

Jornalista responsável

Joelson Fernandes (ES 00418 JP)

Diretor de Conteúdo

Erlon José Paschoal

Projeto Gráfico

Ivan Alves (MTb-ES 28/80)

Este Caderno pode ser
acessado nos sites
www.dio.es.gov.br
e www.secult.es.gov.br



Desafios contemporâneos

O cineclubismo nasceu com o cinema, como antítese ao modo capitalista em que se moldou a produção, a distribuição e a exibição cinematográficas. “A ‘invenção’ do cinema é das mais exemplares do processo de desenvolvimento e adaptação de novas forças produtivas (o cinema como paradigma inicial da indústria cultural em geral) ao desenvolvimento do capitalismo. Mas, simultaneamente, outras formas de usos e finalidades foram se desenvolvendo nos meios populares e nas suas instituições. Catequese, ensino, propaganda, agitação, fruição especializada. Em direção contrária ao cinema comercial, as projeções nesse ambiente “alternativo” eram sempre precedidas por apresentações e acompanhadas de manifestações, debates, intervenções, estudos e apreciações. Os cineclubes consolidaram-se como uma forma de auto-organização do público, em uma estrutura democrática, fora do quadro da economia de mercado, buscando sempre afirmar seu caráter associativo e a promover a autonomia da ação política e cultural do público.”¹ Fazendo um salto para o nosso mundo contemporâneo digital: multiplicidade de meios disponíveis para que as pessoas possam constituir-se como produtoras de conteúdo audiovisual e a internet como plataforma de exibição, e a indústria cultural que se renova (substituindo as antigas formas físicas de controle por seus congêneres virtuais, mas com práticas políticas e jurídicas para conter os torrenciais movimentos de acessos aos conteúdos), formam um contexto em que o audiovisual é fator primordial no processo cultural, como arte e comunicação – como suporte e meio de expressividades híbridas, nas suas intersec-

ções com os campos sociais e político. Quais os desafios contemporâneos do cineclubismo?

Se em décadas anteriores os objetivos eram delimitados pela ordem política de censura e pela defesa da cultura brasileira no campo cinematográfico, a cena contemporânea amplia os objetivos, produzindo diferentes formas de organização e atuação: a pesquisa e produção na arte contemporânea, as lutas de afirmação de segmentos sociais e históricos, a articulação de comunidades em seus desafios sociais imediatos, a segmentação de interesses no campo da juventude, a articulação com o processo educacional, a articulação de uma produção audiovisual canônica, a promoção da cidadania e da cultura nacional em tensão com as culturas do mundo todo, e outras configurações.

Mas os desafios são recorrentes: manter seu caráter de associativismo sem finalidade lucrativa, ou seja, a auto-organização do público, buscar sua sustentabilidade no processo social mesmo, para manter sua autonomia civil em relação à sociedade política e manter com essa uma parceria, em lugar da dependência, e articular-se enquanto movimento autônomo.

No contexto capixaba, os cineclubes estão organizados na OCCA – a Organização dos Cineclubes Capixabas – e articulam ações para obter recursos às suas atividades: distribuição de filmes, formação teórica e prática, produção de conteúdos, interatividades entre os diversos cineclubes de diferentes formatos, inserção do cineclubismo e do audiovisual na educação. São atitudes: objetivos, projetos e autonomia, que almejam ações contínuas e inseridas nas comunidades e grupos sociais. ■



Marcos Valério Guimarães
 é cineclubista

¹MACEDO, Felipe. Cinema do Povo, o primeiro cineclubes. In <http://www.felipemacedocineclubes.blogspot.com.br/search?updated-max=2010-07-21T11:28:00-07:00&max-results=10&start=12&by-date=false>. Montreal, Canadá, 2010. Acesso em 29/03/2012.

CAPA

Turismo, um

O Brasil é o maior produtor mundial de café e o Espírito Santo o maior produtor mundial de café conillon. Entretanto, muitos capixabas nunca visitaram uma lavoura cafeeira. Nem seus filhos. Ou netos.

Por exemplo, Santa Tereza, pertinho de Vitória, poderia proporcionar uma experiência marcante: a florada dos cafezais. As flores tingem de branco a área cultivada. A visão desse tapete branco estendido no campo é o primeiro impacto. Ele será acompanhado por um segundo impacto: o delicado perfume de jasmim que a flor do cafeeiro exala. O conjunto das árvores em floração potencializa a propaga-

ção do perfume, produzindo onda que envolve o visitante e gera uma experiência única, inesquecível... As visitas poderiam também acontecer durante a noite. E seria ainda mais extraordinária se ocorrer em uma semana de lua cheia.

As memórias que incluem lembrança de odores têm tendência para ser mais intensas e emocionalmente mais fortes. Por seu

turno, a cognição se refere ao conhecimento, compreensão, percepção, memória e julgamento por parte de uma pessoa. Poderia ser descrita como uma experiência de conhecimento. Identifica-se com intelecto.

Esses aspectos conduzem ao cerne do conceito moderno de turismo como uma experiência. Viajar - conhecer lugares e pessoas - sempre atraiu o ser humano. Segundo Feller “quando o indivíduo

era somente o homem que vivia na dimensão da domesticidade pré-capitalista, ou seja, em um universo restrito e relativamente estéril, era fácil conhecer esse universo. Quase nada se via além dos limites

geográficos mais próximos. Para tudo o mais se confiava nos dogmas religiosos, nas narrativas de viagens e nas tradições. Nesse tipo de sociedade, conhecer-se a si mesmo era algo estritamente pessoal. Na sociedade contemporânea, entretanto, nenhum indivíduo pode conhecer-se a si mesmo sem observar os demais (...). O conhecer-se a si mesmo é conhecer o mundo em que vives, re-

“nenhum indivíduo pode conhecer-se a si mesmo sem observar os demais (...)”



Mario Petrocchi é engenheiro, consultor, autor de livros nas áreas de gestão e planejamento em turismo, ex-Secretário de Turismo do ES

Mario Petrocchi

mario@petrocchi.tur.br

a experiência. Simples assim

flete Vitale, 1991, que acrescenta:

“...sem dúvida, é inequívoca a tendência do ser a unir-se a outros seres(...) Assim nasce a função do turismo, a fruição nova de um bem que compreende uma transição das mais ricas esperanças (...) que consiste em garantia de educação de nossa existência, de conhecimento do significado da vida, de amor a outros seres, unidos a nós por uma resistência comum às mesmas manipulações e dissoluções, aos medos que pervertem as construções de valores, onde as relações inter-humanas – geralmente regidas pela força – podem transformar-se e sublimar-se em energias criadoras de princípios e fins educativos de vida individual e coletiva”.

O fenômeno do turismo possui, dessa maneira, caracteres culturais derivados da criação de oportunidades de aquisição de novos conhecimentos e experiências proporcionadas pelas viagens.

O turismo é basicamente intangível, se constituindo em uma experiência. As pessoas são atraídas pelo que é diferente. Mas o diferente – e o atraente – não se encontram necessariamente longe.

O ES é rico em acervos históricos, culturais e naturais, ao alcance dos seus moradores em viagens curtas. Exemplo: visitar,

no Município de Viana, a Igreja Nossa Sra. da Conceição, construída por imigrantes açorianos no período de 1815 a 1817. A construção foi liderada por Paulo Fernandes Viana, Intendente do Governo Imperial, que deu origem ao nome do Município. Em 1848, ocorreu incêndio na Igreja e logo depois uma das torres foi atingida por um raio. A nova torre foi construída com características arquitetônicas diferentes, uma das particularidades desse acervo.

Outro exemplo seria o Farol de Santa Luzia, em Vila Velha, construído em chapas de ferro fabricadas na Escócia, erguido em 1870 e inaugurado em 1871, sendo sua iluminação inicial a querosene. Tem 17m de altura e alcance de 32 milhas. A visão do mar, das ilhas do arquipélago de Vitória, dos navios e do próprio farol é exuberante.

O rafting é disponibilizado no Município de Domingos Martins, no rio Jucu. Há opções de raftings noturnos, na lua cheia, em que os participantes recebem um bastão luminoso. Passeio mais

tranquilo, na parte calma do rio, seria o floating, ideal para crianças e pessoas idosas. Outra opção é o bóia-cross, por um trecho de 4 km no rio.

Acervo maior, o litoral capixaba é muito bonito, proporcionando atrações diversificadas em pescarias de diversos tipos, esportes náuticos, mergulho, navegação e lindas praias aos visitantes. Isso tudo permeado por acervos do século XVI e dos jesuítas, folclore,

tradições, festas religiosas, etc. Inúmeras áreas de preservação da natureza podem ser visitadas. O Espírito Santo recebeu imigrantes açorianos, italianos, suíços, alemães, holandeses, luxemburgueses,

austríacos, poloneses, chineses, franceses, belgas, portugueses, espanhóis, ucranianos, sírio-libaneses e outros que representam valioso caldo cultural. A gastronomia seria um capítulo à parte. Enfim, viajar, conhecer, compartilhar, experimentar, viver momentos únicos são opções concretas no Espírito Santo, por sua gente, na sua terra, vivendo seus ricos acervos. ■

“Mas o diferente – e o atraente – não se encontram necessariamente longe”

TEATRO

Grupos de *teatro*:

Procurar parâmetros que possam definir um grupo de teatro não é tarefa das mais fáceis. O próprio termo esconde uma redundância visto que a arte teatral, por essência, é uma atividade exercida em grupo e sempre haverá momentos inevitáveis de coletividade, seja na relação com a equipe ou no encontro com o público. Além disso, são tantos e tão diferentes os coletivos artísticos que, mundo afora, reconhecem-se a partir de tal conceito que qualquer proposta de generalização possui o risco de tornar-se reducionista.

Assim, no desejo de contribuir para uma reflexão sobre os grupos teatrais do Espírito Santo e, da mesma forma, fugir das armadilhas das generalizações, optei

por demonstrar, a partir de uma visão pessoal, porque a Cia Folgazes de Artes Cênicas, coletivo do qual faço parte, pode ser entendida enquanto grupo. Decidi não entrar no mérito da discussão sobre grupo de teatro x teatro de grupo, adotando, para isso, um terceiro conceito: grupo no teatro.

Não quero, dessa maneira, diminuir o caráter teatral da Folgazes. É ainda esse o elemento central e aglutinador dos nossos anseios artísticos. Mas a utilização do termo serve para demonstrar que antes de sermos teatro somos grupo. Sociologicamente falando, grupo pode ser entendido como uma coletividade identificável, estruturada, contínua, de pessoas sociais que desempenham papéis recíprocos, segundo



Duílio Kuster é ator, membro da Cia. Folgazes e mestrando em História



Duílio Kuster

duiliokustercid@yahoo.com.br

um olhar sobre a Cia. Folgazões de Artes Cênicas

determinadas normas, interesses e valores sociais, para a realização de objetivos comuns. Sintetizando tal definição, a Folgazões é um grupo por possuir: 1- uma identidade; 2- uma estrutura composta por funções recíprocas e com perspectivas de continuidade e 3- objetivos comuns.

Na Cia. Folgazões viemos construindo uma identidade artística baseada na linguagem da comichidade; na encenação em espaços abertos (apesar de, eventualmente, utilizarmos o palco italiano); no diálogo com outros campos artísticos e nas tradições culturais do Brasil, de forma geral, e do Espírito Santo, de maneira particular. Todas as nossas ações estão estruturadas em torno de quatro eixos básicos, não hierar-

quizados, coordenados por cada um dos membros. São eles: a) artístico (ensaios, pesquisa, treinamento, manutenção de cenários e figurinos); b) administrativo (controle financeiro, organização do espaço físico e documental); c) produção (venda de espetáculos e oficinas) e d) comunicação (manutenção do site e relação com a imprensa). Três dos atuais quatro membros vêm trabalhando juntos desde 2007 e, em setembro desse ano, completaremos cinco anos de atividades contínuas desenvolvidas em nossa sede no Centro de Vitória.

Somos guiados por objetivos comuns que podem ser reunidos em três pontos principais: I) a profissionalização teatral, com o grupo tornando-se auto-suficiente; II) a

consolidação de um espaço cultural, que sirva não só como lugar de formação, mas também para o intercâmbio de ideias entre grupos artísticos e entre esses e a comunidade e III) a valorização do teatro e da cultura local, para que haja o reconhecimento, a nível nacional, da tradição cênica capixaba.

Com relação a este último objetivo, em particular, fica aqui o convite para que os demais grupos, companhias, agremiações, tribos e outros coletivos que compõem o nosso cenário teatral possam falar sobre as suas realidades no intuito de, a partir daí, aprofundarmos o conhecimento sobre os grupos de teatro, teatros de grupo, grupos no teatro – e demais conceitos possíveis - do Espírito Santo. ■



GESTÃO CULTURAL

A importância da *Comunica*

Co-responsabilidade: uma palavra que enseja questões como compartilhamento, convivência, experiência, contato, diálogo, participação, comunicação dialógica e efetivação do capital comunicacional. Comunicação, não na seara da informação, mas revisitada nas reflexões do sociólogo francês, Dominique Wolton, para quem, o avanço das tecnologias de informação e comunicação nos trouxe, ao contrário, o retrocesso travestido de “incomunicação humana”. Um cenário devastador para os negócios da arte.

De acordo com o sociólogo, não sabemos mais nos comunicar, vivemos imersos em mundos virtuais e, em consequência, nos desabitua- mos à comunicação interpessoal. Esta, que ocorria a partir de diálogos face a face em que não conseguíamos forjar perfis. Uma comunicação na perspectiva de conhecer o outro e o mundo do outro “de verdade”. De, sem temer emoções e sensações imprevisíveis, se lançar no desvendamento da alteridade.

Informar é um processo de emissão. Mas a mobilização para mudança, para o desenvolvimento, requer relação. Ativação dos cinco sentidos. Vivemos num mundo de grande diversidade cultural, e a informação deve ter como gênese a

comunicação. Uma comunicação dialógica, de busca, de intercâmbio.

Como realizar parcerias e fazer negócios com aquele que não conhece? Como conhecer sem ver, sem experimentar, sem buscar e investigar o contexto do outro? Questões que nos impelem ao movimento. “Não avançar é retroceder”, coloca o filósofo japonês Daissaku Ikeda. Parcerias de sucesso no contexto da arte não nascem sem conhecimento, e na perspectiva de uma comunicação intermediada. Quando falamos em arte como negócio, essas duas pontas devem dialogar.

Os agentes culturais e os empresários precisam se conhecer, conversar, para poderem compartilhar e, assim, configurarem juntos, uma parceria de sucesso com ganho para ambos. A comunicação por atitude, propagada pelo mercadólogo Yacoff Sarkovas, só pode ter eficácia a partir da vertente relacional. Só assim saberemos quem é capaz de nos completar e, assim, com ele vir a negociar e a consolidar uma parceria que some à nossa reputação. Compartilhar não somente informações, mas vivências mútuas.

Como investir em arte sem conhecimento? Nesse caso, sim, a



Ivana Esteves é jornalista, produtora cultural, professora universitária e doutoranda em Letras na UFES)

Ivana Esteves
 ivanaesteves@yahoo.com

ção na gestão da cultura

informação revela-se significativa e de grande relevância. Nessa perspectiva, tanto as políticas públicas tem o papel de unificação dos dois pólos, como a grande mídia, pode tomar para si, também, o importante papel de facilitadora desses encontros. Minimamente, evidenciando as expressões artísticas locais como seu foco principal. Uma boa causa! Essa é a vertente social, imbuída no termo comunicação que, então, consubstancia a expressão comunicação social.

E tudo deve começar com a disponibilidade para o diálogo constituído na perspectiva do encontro, do rompimento dos paradigmas consolidados e congelados. O capital comunicacional pode atuar no “derretimento do gelo” que separa esses dois universos – o mundo sensível e o mundo prático. Sabemos que no contexto para o qual caminha a humanidade, o olhar a ser consubstanciado é holístico. Não podemos mais, nem é boa prática empresarial e governamental, evitar o diferente.

A comunicação por atitude não pode ser superficial, deve ser conter emoções e sentimentos que, transpostos para o universo tangível, conferem concretude a marcas e consubstanciam as propaladas

missões empresariais. Mas será que os agentes culturais conhecem essas missões das empresas? E os empresários sabem da produção cultural de nosso Estado?

Para se convocar vontades empresariais, não é suficiente instituir leis de incentivo, mas apresentar ao empresariado a vantagem dessas leis e, mais que isso, exibir-lhes as produções artísticas com as quais poderá associar suas marcas e estabelecer a comunicação de seus produtos com o intuito, por exemplo, de se diferenciar da concorrência.

De outro lado, muitos agentes culturais necessitam ser “alfabetizados” na linguagem empresarial. Para saberem “ler” as demandas empresariais, e assim estar em sintonia com essas, faz-se imprescindível conhecer os meandros desse universo tangível e concreto, mas cujas marcas, a despeito de sua produção, são carregadas de subjetividade a cujo encontro pode vir a arte, para conferir-lhe boa ou má reputação, dependendo do diálogo que se estabelece.

O diálogo deve advir para permear a convocação de vontades, visando ao desenvolvimento do mercado artístico e ao desenvolvimento da economia criativa. Dia-

logar na perspectiva primeira de conhecer, de desvendar, de percorrer espaços e vivenciar situações não-habituais, fora da rotina, inusitadas. Diálogo na premissa do conhecimento do outro, que é diferente de nós, mas com o qual possamos e devemos negociar para com ele compor parcerias.

Essas parcerias, sobretudo no contexto artístico, prescindem de uma comunicação dialógica. Os elos dessa cadeia, que envolve artistas, empresários, comunicadores, mercadólogos e público consumidor, necessitam estar em sintonia, e para tanto, faz-se necessário promover o entrelace. A prática de uma comunicação co-responsável, dialógica e holística pode ser a grande liga e propiciadora do desenvolvimento da cultura no Espírito Santo.

Parcerias não acontecem entre desconhecidos. A convivência, a experiência, a formação do hábito de relacionamento com a cultura, é que induzem a participação. Nesse aspecto, para consolidarmos o capital social da cultura, devemos antes de tudo, ativar o capital comunicacional que, para a comunicóloga Heloiza Matos, é gerado em ambientes institucionais e no domínio das redes cívicas relacionais. ■

CULTURA JOVEM

Juventudes

Com uma expressiva diversidade de tradições e de manifestações populares, as regiões norte e noroeste do Estado trazem como característica comum a diversidade étnica advinda da sua colonização e ocupação. Tais identidades culturais se materializam em práticas que, em tempos outros, foram subjugadas, como as expressões dos povos de quilombos, indígenas e pomeranos. Agora essas expressões culturais ganham novos protagonistas com as novas gerações que incorporam elementos do mundo contemporâneo e contribuem para que permaneçam vivas e atuais.

No município de Vila Pavão, essa diversidade é festejada em um grande evento de integração étnica chamado Pomitafro – termo que sintetiza a cultura pomerana, italiana e africana. Nesse município, dois grupos foram contemplados pelos Editais Rede Cultura Jovem

2011 e, em seus projetos, trataram da gastronomia característica desta tríade cultural. Os jovens realizadores elaboraram uma pesquisa sobre a culinária local, coletando registros de história oral junto aos descendentes de cada etnia, reuniram o material em uma publicação e em uma série de cartões postais.

Ainda em Vila Pavão, o grupo musical Up Pomerisch conquistou as novas gerações fortalecendo a auto-estima da população local por meio de suas músicas. Embalados pelo som da concertina, a banda exalta a língua pomerana com versões de hits populares de artistas como Latino e Michael Teló e soma mais de dois mil acessos no Youtube com o clipe da música Root in kaffasack (Rato no Coador). Atualmente, é algo comum jovens ouvindo música pomerana em seus aparelhos de som, bem como a execução dessas canções nas emissoras de rádios de municípios de população pomerana-



Muriel Falcão é artista plástica e gestora de projetos do Programa Rede Cultura Jovem



Muriel Falcão

iefalcao@gmail.com

do norte e noroeste capixaba mobilizadas pela cultura

na.

Do distrito de Laginha, em Pancas, o Grupo de Danças Folclóricas Edelstein, com aproximadamente 20 anos de existência, resolveu buscar apoiadores que lhe garantissem uma melhor infra-estrutura. Contemplado pelos Editais RCJ 2011, o Edelstein viabilizou a reformulação dos trajes típicos e uma capacitação em Paverama, no Rio Grande do Sul – cidade brasileira referência para os que estudam dança germânica. O grupo ainda conseguiu estreitar relações com demais grupos de dança folclórica do Estado, estabelecendo intercâmbios e parcerias.

Em São Mateus, há dois anos, foi constituída uma rede chamada Movimento SAMA Jovem responsável por reunir uma média de mil pessoas em cada um dos seus eventos e por envolver cerca de 30 coletivos jovens entre grupos de dança de rua, grafiteiros, capoeiristas e músicos de diferentes municípios

do Estado. Trata-se de um tipo de organização juvenil que faz circular produções envolvendo diversas culturas e linguagens e que traduz o clima de uma grande efervescência criativa. Tal mobilização, também resulta da percepção por parte das juventudes de que há um cenário cultural para se apropriarem e atuarem nele.

Em sua atuação, esses coletivos juvenis dão o recado de que o resgate e a valorização de identidades histórico-culturais são vias fundamentais para o desenvolvimento local sustentável. O Programa Rede Cultura Jovem (PRCJ) reconhece o trabalho e o esforço desses jovens para desenvolverem o cenário cultural de seus municípios e regiões. Por meio de ações de fomento e formação, e de espaços de visibilidade e de canais de comunicação, o PRCJ tem incentivado o protagonismo juvenil e promovido as produções culturais desse grupo etário. 



MÚSICA

Música *erudita*

Vivemos num país, e num Estado, com ricas e múltiplas expressões musicais. Para organizar e tentar entender essa diversidade empregamos categorias: música erudita, religiosa, de concerto, popular, instrumental, clássica, vocal, infantil. Essas categorias citadas misturam princípios de organização diferentes e cada um dos quais revela uma predisposição com relação ao complexo universo musical observado. As categorias, portanto, não são isentas de julgamento e certamente não emanam simplesmente dos fenômenos musicais. Uma divisão comum é aquela entre música popular e música erudita (ou clássica, ou de concerto) e seu uso quase automático, somado a um entendimento tácito do que cada uma inclui ou exclui, esconde a enorme dificuldade que temos em delimitá-las com precisão.

Vamos dar um passo atrás e lançar um olhar sobre algo aparentemente mais evidente: a própria música. Quando falamos de música, falamos de quê? De obras musicais? De suas partituras? De discos, fitas e CDs? De compositores? De intérpretes? De versões de diferentes intérpretes ou de um mesmo intérprete em momentos diversos de uma obra musical? Podemos chamar então de “cena musical” todo este complexo de práticas, pessoas, lugares e instituições.

Um olhar panorâmico sobre a cena musical capixaba atual evidencia uma riqueza. Um dos subgrupos que tem ganhado mais visibilidade é o da chamada música erudita. A crescente regularidade de eventos somada à qualidade do trabalho aqui realizado

têm resultado em notícias em veículos de circulação nacional.

Os resultados atuais, frutos do esforço evidente de indivíduos e instituições – é importante mencionar aqui o maestro Helder Trefzger e a OFES, o maestro Leonardo David e a Camerata Sesi, a FAMES e os cursos de Música da UFES -, e certamente também de muitos indivíduos e iniciativas que, ainda que tenham alcance mais restrito, têm um papel importante na teia que constitui a cena musical capixaba. Apesar desse crescente dinamismo, é necessário reconhecer o grande desconhecimento das atividades relacionadas à música erudita de forma geral no Espí-



Mônica Vermes é Musicóloga, docente da UFES, capixaba por adoção



Mônica Vermes

mvermes@gmail.com

no Espírito Santo

rito Santo e também de sua história.

Algumas iniciativas têm procurado suprir e organizar informações que nos permitem conhecer melhor parte das instituições musicais e compositores do Espírito Santo. Exemplos disso são os livros Maurício de Oliveira: o pescador de sons de Marien Calixte (Vitória, Ed. Cidade Alta, 2001), Notas sobre a FAMES: a história da primeira instituição de ensino musical do Espírito Santo de Catarina Mattedi Carneiro e Daniela Ramos Ribeiro (Vitória, DIO, 2010), Da Capo: de volta às origens da Orquestra Filarmônica do Espírito Santo de Juca Magalhães (Vitória, Editae Studio, 2a ed. de 2011), ou produções fei-

tas no âmbito da academia, como o documentário Sinfonia em Cena: redescobrimo a Orquestra Filarmônica do Espírito Santo de Fabíola Zardini, trabalho de conclusão do Curso de Jornalismo da UFES (2004), entre outros. É importante lembrar também da equipe formada pelos professores Sérgio Dias, Fernando Secomandi e Modesto Flávio, que durante alguns anos dedicou-se ao projeto de pesquisar e escrever a história da música no Espírito Santo.

As categorias que empregamos para classificar a música, seus repertórios e práticas, têm obedecido a uma hierarquia bastante cristalizada e que muitas vezes se choca com os signi-

ficados que adquiriram nas sociedades atuais. Uma vez que boa parte da história da música capixaba ainda está sendo descoberta, parece-nos ser uma excelente oportunidade para refletir sobre essas formas de classificação de modo que, mais que reproduzir um sistema padronizado, dialoguem com a sociedade e com a cultura capixaba como um todo. 



FESTA DE ITAÚNAS

Para além da *festa:*

Os Festejos a São Benedito e a São Sebastião realizados anualmente no mês de janeiro na vila de Itaúnas, município de Conceição da Barra, prolongam-se por cinco dias e envolvem diversas apresentações de grupos de Ticumbi, de Jongo, de Reis de Bois, Alardo e Capoeira. O evento é organizado pela Associação de Folclore de Conceição da Barra e conta com o apoio da Secretaria de Estado da Cultura/Secult e da Prefeitura de Conceição da Barra.

A festa é um complexo de expressões culturais, celebrações e folguedos populares que reúne desde danças dramáticas e cortejos, passando por cantos e danças de roda ao som de tambor, até missas e procissões. O Jongo, por exemplo, foi declarado patrimônio cultural imaterial do Brasil pelo IPHAN. As exibições do Ticumbi com seus bailados e enredo dramático estão, seguramente, entre as mais aguardadas e admiradas e constituem uma forma de expressão cultural de matriz africana que vem sendo estudada e tem potencial de ser registrada como patrimônio cultural do Espírito Santo. Cada manifestação tem sua especificidade e pode abarcar dimensões lúdicas e religiosas. Misturam-se devoção e brincadeiras.

O evento se desenrola em razão da celebração do dia de São Sebastião, e, portanto, in-



Érika de Figueiredo é Antropóloga formada pela Unicamp e servidora da Secretaria de Estado da Cultura do Espírito Santo.



Érika de Figueiredo

erikafido@yahoo.com

devoção, expressões culturais e laços comunitários



clui procissão e missa em louvor do referido santo, e fincada do mastro com seu estandarte. Contudo, as comemorações são diversificadas. Ocorre ainda que São Sebastião compartilha com São Benedito a devoção dos fleis que participam da festa. Procissão e missa também são realizadas em seu louvor. O santo de origem humilde, pastor, cozinheiro e filho de escravos etíopes, conta com muitos devotos no Estado; ademais, é o padroeiro de todos os grupos de Ticumbi.

Os autos, danças e performances são fascinantes e demonstram toda a riqueza da cultura popular do Estado. Mas, notadamente, o momento da festa é o ponto culminante de um processo de mobilização e preparação que começa muito antes, com os ensaios, a confecção da indumentária e adereços. No caso do Ticumbi, os grupos começam a ensaiar no mês de outubro. Ou seja, os espetáculos que assistimos nos dias de festa são fruto de um trabalho de longa duração de mestres e detentores de saberes performáticos que transmitem e reatualizam tradições culturais herdadas de outras gerações, às vezes, através de séculos.

Neste sentido, além dos ensaios prévios, cabe chamar a atenção para outra prática muito interessante mantida pelos participantes envolvidos

mais diretamente nos festejos, mas que pode não ser conhecida por todos os que vão assistir à festa. Trata-se da presença dos chamados festeiros e festeiras que são as pessoas incumbidas de receber em suas casas os brincantes para apresentações especiais ou mesmo para os últimos ensaios. O costume envolve o oferecimento de uma refeição especialmente preparada para os integrantes do grupo recebido e também alguns convidados. É uma espécie de “obrigação” da qual eles demonstram ter orgulho, além de dedicarem-se com satisfação.

Os festeiros e suas reuniões podem ser tomados como uma das evidências de que os Festejos a São Benedito e a São Sebastião têm o condão tanto de fortalecer as redes de parentesco e vizinhança, como de forjar e reforçar laços comunitários no âmbito da vila de Itaúnas e até fora dela, já que envolve grupos de outras localidades, consistindo, neste sentido então, em um fator de integração social. Em resumo, a festa da vila, com suas celebrações, performances, danças e cantos, expõe a exuberância de nosso patrimônio cultural imaterial, assim como, de um modo menos evidente, intensificam interações sociais e familiares, favorecem a coesão e promovem o empoderamento das comunidades. 



Carretela del vino Santa Tereza-ES - Edson Chagas
http://www.facebook.com/1/WAQEcgHoTAQEWYLoF0kyKfsUrlA4Bhj_3jEMF3A39b9xy8w/www.foto360.com.br